



DESENHO

Pedro Salgado
Filipe Franco
Marco Correia
Sara Simões
Sandra Tapadas
Pedro Fernandes
Pedro Mendes
Marcos Oliveira
Filipe Martinho
Dilar Pereira
Catarina França
Nádia Torres
Vitor Casimiro
Susana Lemos
Mário Bismarck
Fernando Mendonça
Henrique Cayatte
Jennifer Keller
Cleo Villet

FOTOGRAFIA

Henrique Queiroga
Steve Stoer
Luis Quinta

TEXTO

Miguel Faria
Maria Flor Pedroso
Teresa Egídio

EXPEDIÇÃO AMAZÓNIA EXPOSIÇÃO

REGISTO DA FLORESTA E DA ÁGUA

DESENHO ILUSTRAÇÃO FOTOGRAFIA VÍDEO SOM TEXTO

26.DEZEMBRO.2009 A 9.JANEIRO.2010



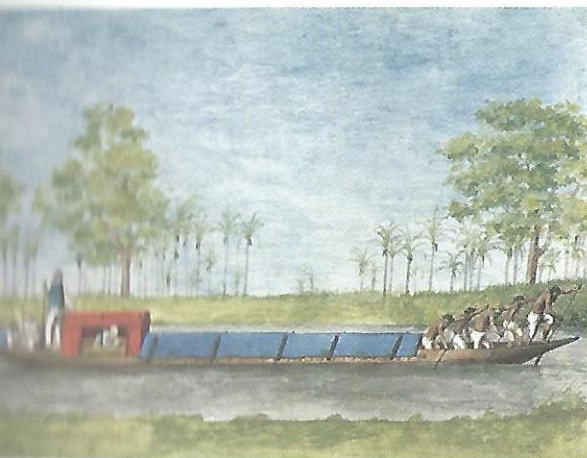
7	AGRADECIMENTOS
9	DIVERSIDADE. PALAVRA-CHAVE. PALAVRA CERTA
	_PEDRO SALGADO
13	O ATELIER EM VIAGEM
	_MIGUEL FARIA
13	A VIAGEM FILOSÓFICA DE ALEXANDRE FERREIRA AO GRÃO-PARÁ
19	DO SILÊNCIO VISUAL AO TRIUNFO DA IMAGEM
21	O ATELIER EM VIAGEM
25	AMAZÔNIA
	_HENRIQUE QUEIROGA
26	A FLORESTA DE CHUVAS TROPICAL
27	A SELVA
27	AS VÁRZEAS, IGAPÓS E FLORESTAS DE TERRA FIRME
28	OS RIOS DE ÁGUA BRANCA, RIOS DE ÁGUA NEGRA E RIOS DE ÁGUA CLARA
29	A BIODIVERSIDADE
30	A PRESENÇA HUMANA
33	DESENHOS FOTOGRAFIAS
131	BIOGRAFIAS
167	CRÉDITOS
169	APOIOS

O ATELIER EM VIAGEM

MIGUEL FARIA

A VIAGEM FILOSÓFICA DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA AO GRÃO-PARÁ

Canoa da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira,
Núcleo de História da Universidade de Coimbra



A 21 de Outubro de 1783, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, formado na Universidade de Coimbra, chegava a Belém do Pará na charrua *Águia*, chefiando uma equipa à qual tinha sido confiada a inventariação criteriosa da Geografia Física e Humana, a par dos três reinos da Natureza naquela vasta zona do continente sul-americano.

Debaixo do seu comando viajaram José Joaquim Freire e Joaquim José Codina (desenhadores) e Joaquim José do Cabo (jardineiro botânico). Aos primeiros, competia a produção dos registos visuais da viagem; ao segundo, a recolha e preparação de espécies zoológicas, botânicas e minerais para enviar para Lisboa.

Durante cerca de uma década, esta equipa viajou através da rede hidrográfica amazónica pelos rios Solimões, Negro, Branco, Madeira, Guaporé, Cuiabá, até aos confins do Mato Grosso, redigindo *memórias*, *riscando* a fisionomia de animais e plantas, das paisagens naturais e humanas, incluindo panorâmicas de cidades e vilas, e colectando as espécies naturais que surgiam a seus olhos.

A expedição, intitulada *Viagem Filosófica ao Grão-Pará*, constituía uma peça central num conjunto de iniciativas paralelas dispersas por outras regiões coloniais, incluindo o Brasil, a África e o Oriente.

O termo *Viagem Filosófica* deriva da arrumação disciplinar resultante da reforma pombalina da Universidade de Coimbra (1770-1771), onde a cadeira de História Natural ficou integrada na Faculdade de Filosofia, tendo como objectivos a observação, análise e interpretação da Natureza, o que constituía uma *atitude filosófica* na genealogia do conhecimento da época.

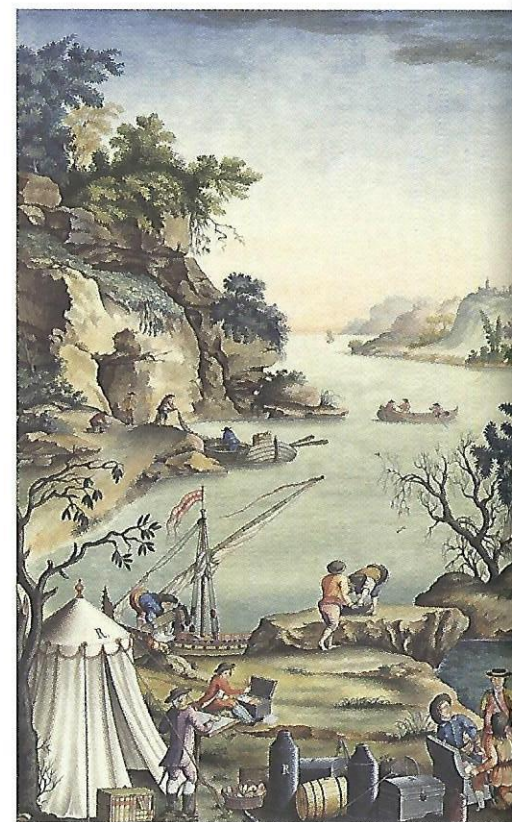
Através deste conjunto de expedições realizadas, sobretudo ao longo do reinado de D. Maria I, planeava-se a execução de um mapa das riquezas ultramarinas, num esforço sem precedentes da Monarquia portuguesa. Numa época em que a botânica, dado o seu

aproveitamento agrícola e industrial, era considerada assunto de Estado, procurava-se esconder as novas descobertas aos rivais europeus, ampliando o tradicional segredo relativo à localização das jazidas de metais preciosos e diamantes. A par desta vertente de maior pendor económico, que fazia lei na época, as equipas reuniam igualmente elementos para a redacção de uma *História Natural das Colónias* consagrada ao Império Português. Esta obra monumental, produzida sob patrocínio régio, procuraria obter o reconhecimento internacional do Iluminismo português, da dimensão única da extensão ultramarina do país e da imagem de D. Maria I como monarca protectora das artes e das ciências.

O projecto ficaria por concluir, permanecendo as *memórias* e os *riscos* da expedição desconhecidos do grande público, mantendo, no que concerne aos desenhos da viagem, esse «silêncio visual» que caracterizou a relação dos portugueses com o seu Império Colonial e particularmente com o Brasil.

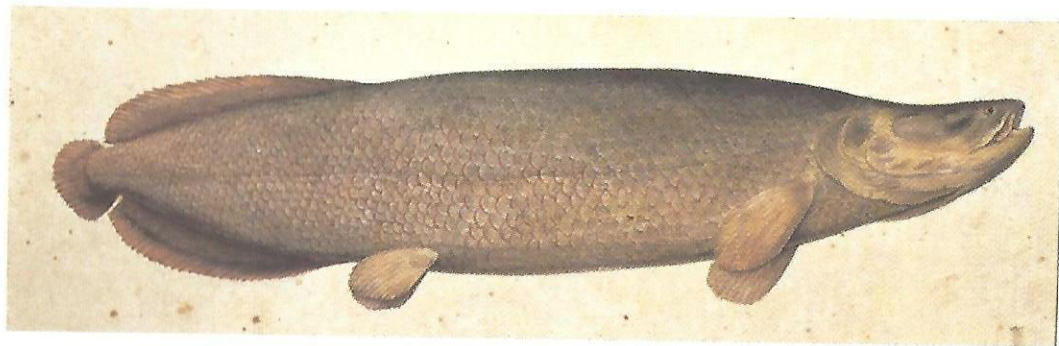
Alegoria às Viagens Filosóficas.

Manuel Tavares da Fonseca (espólio do Casa do Rocal)



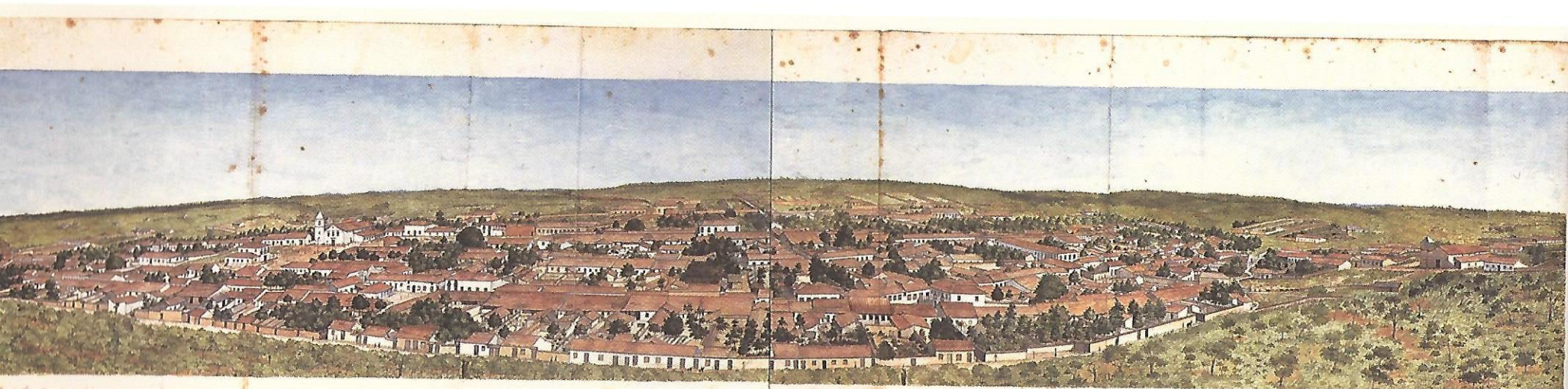
Cachoeira do rio Madeira.
Nova Friburgo.





Pirarucu.
José Joaquim Freire

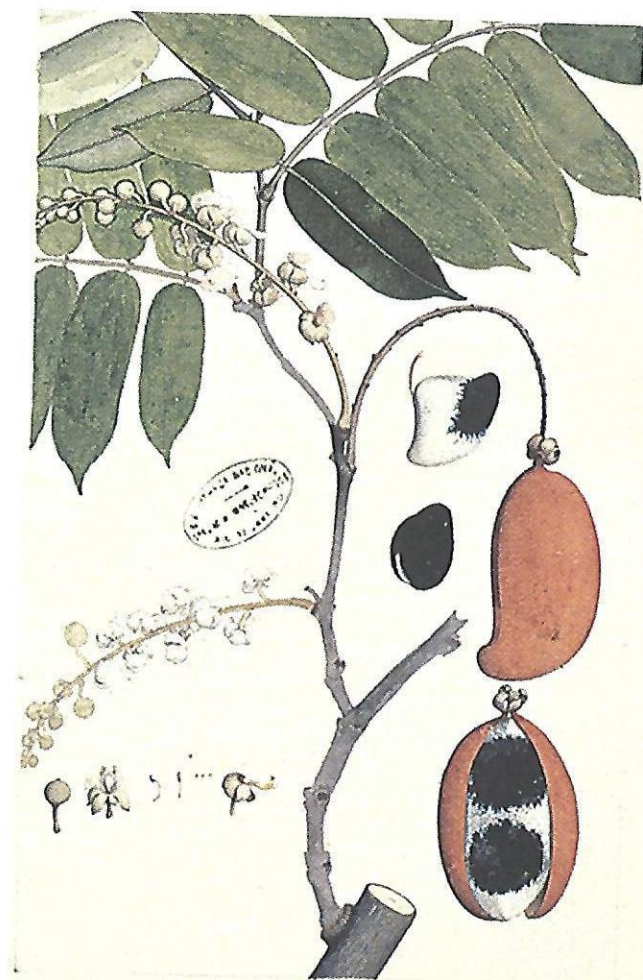
Prospecto da Vila do Bom Jesus de Culabá.
José Joaquim Freire

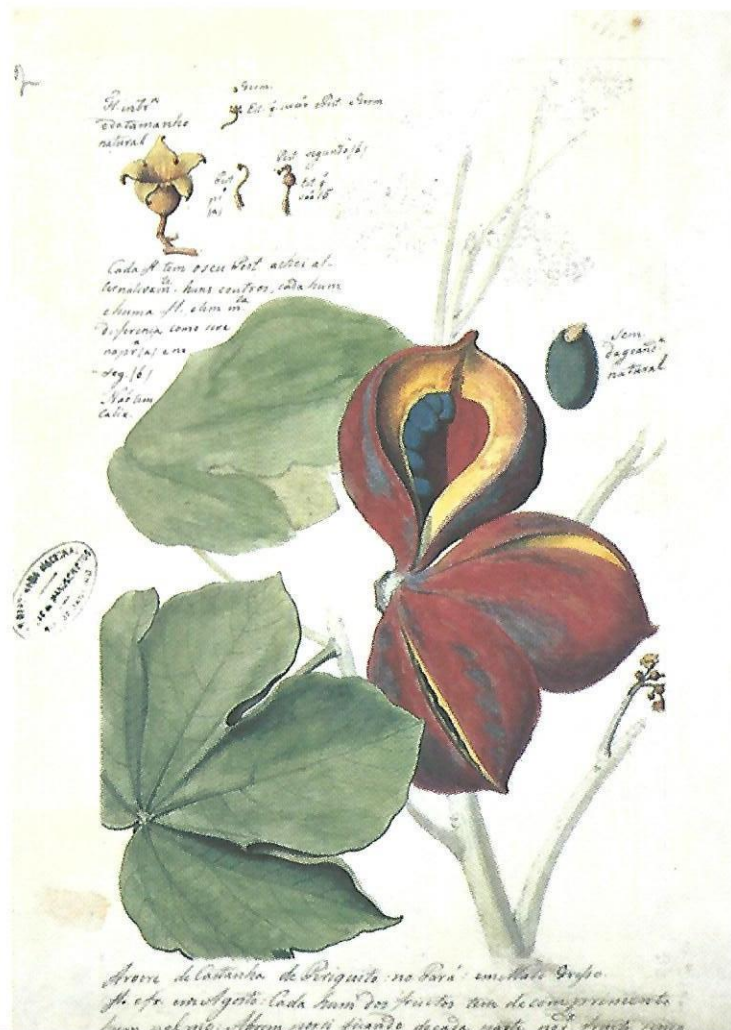


Periquito-das-serras do Rio Branco,
José Joaquim Freire.

Mutaty-para,
Joaquim José Codina.

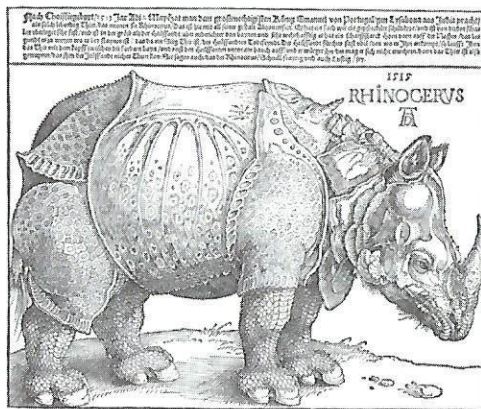
Índia do Rio Branco,
Cópia realizada na Casa do Risco do Real Jardim
Botânico da Ayuda, a partir do original de Joaquim
José Codina, pertencente ao espólio da Viagem
do Alexandre Rodrigues Ferreira.





DO SILÊNCIO VISUAL AO TRIUNFO DA IMAGEM

Rinoceronte.
Albrecht Dürer, 1515



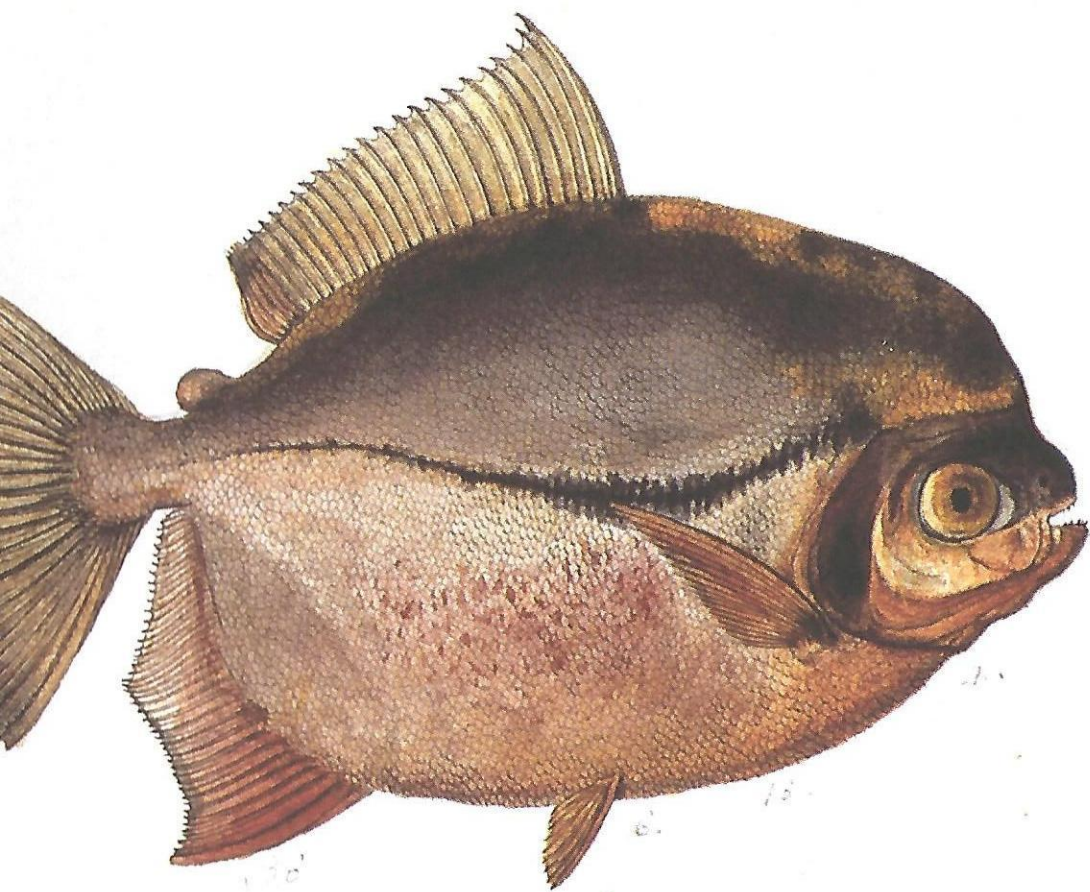
Portugal, sendo um país de descobridores, não teve o mesmo sucesso como produtor ou divulgador desses novos mundos através da imagem. A História das suas descobertas e conquistas não deixou os outros povos europeus indiferentes, mas as *novidades* circulavam através de descrições literárias que correram, manuscritas ou impressas, por estreitos corredores de comunicação só ao alcance de diminutas elites. O rinoceronte indiano, exótica raridade na época, oferecido por D. Manuel I ao Papa, seria celebrizado pelas gravuras do artista alemão Albrecht Dürer, constituindo um bom exemplo da falta de curiosidade visual dos portugueses e a sua indiferença a uma cultura gráfica que progredia na Europa da época dos Descobrimentos.

Nada foi então produzido comparável aos trabalhos quinhentistas do pioneiro britânico John White (c. 1540-c. 1593), no reconhecimento da costa da Virgínia, ou do francês Jacques Le Moine (c. 1533-1588), considerado um dos fundadores da ilustração botânica, às imagens dos holandeses Albert Eckhout (1610-1665) ou Frans Post (1612-1680) sobre o Noroeste do Brasil no século XVII, ou ao exotismo das obras dos pintores viajantes franceses como Delacroix, que consagraram uma nova visão do Mediterrâneo africano a partir do período napoleónico.

O acervo gráfico produzido pelos desenhadores da *Viagem Filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira revalorizou-se como rara excepção a esse défice generalizado de informação visual, motivando uma enorme curiosidade no tempo presente, constituindo uma das motivações centrais da presente expedição à Amazônia.

Freire e Codina realizaram os seus trabalhos sob instrução directa do comandante da viagem, seguindo estreitos princípios de rigor e fidelidade gráfica às paisagens e espécies observadas, procurando conjugar a competência técnica com a rapidez de execução, dado ser inevitável gerir em tempo útil as oportunidades geradas pela progressão do itinerário ao longo dos quase dez anos de viagem.

Produziram-se assim, seguindo a linguagem da época, *riscos de gentio*, *animais quadrúpedes*, *aves*, *anfíbios*, *peixes*, *insectos*, *prospectos de cidades*, *vilas*, *lugares*, *povoações*, *fortalezas*, *edifícios*, *rios*, *cachoeiras* e *espécies botânicas* (a série mais numerosa da expedição), num total de mais de um milhar de desenhos originais.



Pacu-piranga.

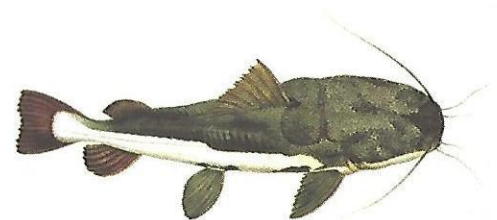
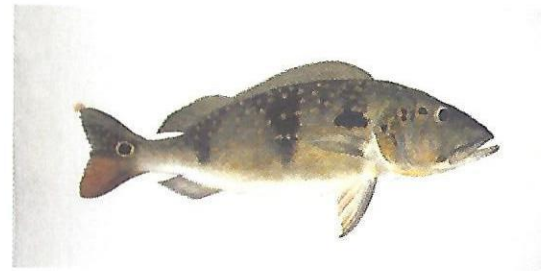
José Joaquim Freire.

Tucunaré-pinima.

José Joaquim Freire.

Pirarara.

José Joaquim Freire.



O ATELIER EM VIAGEM

«A viagem e o desenho entrelaçavam-se como uma corda.»

CÉSAR ARA,
UM EPISÓDIO NA VIDA DO PINTOR VIAJANTE

A viagem da presente expedição, mais de dois séculos depois, participando nesse sentimento evocativo, desenvolveu-se, porém, noutro sentido. Liberta da tutela do Estado patrocinador e sem a hierarquia rígida da expedição setecentista centralizada no naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, a Expedição Amazónia 2010 elegeu como objectivo decisivo a informação visual, invertendo a lógica literária tradicionalmente dominante, fazendo jus à axiomática da actualidade no tempo do «triunfo da imagem».

À presente expedição – vinte desenhadores, três fotógrafos, dois cronistas –, foi possível repetir as experiências visuais dos anteriores exploradores, reinterpretando os mesmos modelos, mais de dois séculos passados, onde o poder da paisagem e das espécies naturais cedo fez esquecer as referências passadas.

Ao historiador, foi agora gratificante redescobrir o significado integral dos registos visuais da anterior expedição, numa reinterpretação sustentada na escala e na dimensão da natureza amazónica, só no local realizável, e na directa observação da actividade dos modernos riscadores, acompanhando esse intenso *atelier em viagem* pelos rios da Amazónia.

Yandú-piqá.

Joaquim José Codiña

NOTA

Todas as ilustrações (excepto «Rinoceronte» de A. Dürer e «Alegoria às Viagens Filosóficas» de M.T. da Fonseca) são desenhos aguarelados sobre papel, do espólio da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira (1703-1792), pertencentes ao Arquivo Histórico Museu Bocage do Museu Nacional de História Natural da Universidade de Lisboa (excepto: «Mutaty-pará», «Árvore de castanha-de-periquito do Pará de Mato Grosso» pertencentes à Fundação Biblioteca Nacional – Divisão de Manuscritos, Rio de Janeiro, Brasil).

